



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

2022

Mônica Eulália da Silva Januzzi, Ilka Franco Ferrari; Endereço
**Desamparo radical e adolescência: o que ensinam os efeitos transferenciais
para o campo da atenção psicossocial brasileiro?**

Revista Affectio Societatis, Vol. 19, N.º 36, enero-junio de 2022

Art. # 1 (pp. 1-24)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN



DESAMPARO RADICAL E ADOLESCÊNCIA: O QUE ENSINAM OS EFEITOS TRANSFERENCIAIS PARA O CAMPO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL BRASILEIRO?¹

Mônica Eulália da Silva Januzzi²

Pontifícia Universidad Católica de Minas Gerais, Brasil

monicaesilva@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-0788-9968>

Ilka Franco Ferrari³

Pontifícia Universidad Católica de Minas Gerais, Brasil

ilkafferrari@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6367-3136>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n36a01>

Resumo

O texto se constrói a partir de informações advindas de pesquisa doutoral que investigou ensinamentos possíveis, sobre as dificuldades de adesão ao tratamento, de adolescentes, usuários de drogas, que favore-

çam o trabalho das equipes do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CASPI), na Rede de Atenção Psicossocial brasileira. Seu propósito é, a partir de um dos cinco casos estudados, por meio do método do caso

-
- 1 O artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa doutoral intitulada “Adolescentes usuários de drogas: dificuldades de adesão ao tratamento nos CAPSI”, desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Brasil no período de 2014 e 2018.
 - 2 Psicanalista. Pós doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutora em Psicologia pela PUC Minas; Professora do Curso de Graduação em Psicologia na Faculdade Pitágoras
 - 3 Psicanalista. Pós doutora pela Universidade de Barcelona; doutora em Psicologia pelo Programa de Clínica y Aplicaciones del Psicoanálisis na Universidade de Barcelona; Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) nos cursos de Graduação e Pós-graduação; membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, e da Associação Mundial de Psicanálise.

único, em Freud e Lacan, dedicar-se a um deles, exemplar na importância dos efeitos transferenciais na clínica, tendo em conta o desamparo radical refletido na criminalidade e no uso abusivo de drogas. Possibilita reflexões acerca de saídas possíveis para o

tratamento nestas instituições regidas por um mandato psicossocial.

Palavras-chave: Desamparo, adolescência, transferência, psicossocial, psicanálise.

DESAMPARO RADICAL Y ADOLESCENCIA: ¿QUÉ ENSEÑAN LOS EFECTOS TRANSFERENCIALES AL CAMPO DE LA ATENCIÓN PSICOSOCIAL EN BRASIL?

Resumen

El texto se construye a partir de los datos derivados de una investigación doctoral que investigó posibles aprendizajes sobre las dificultades de adherencia al tratamiento por parte de los adolescentes consumidores de drogas que favorezcan el trabajo de los equipos del Centro de Atención Psicossocial Infanto-Juvenil (CASPi), en la Red de Atención Psicossocial de Brasil. El propósito del estudio es, a partir de uno de los cinco casos estudiados, mediante el método del caso único, en Freud y Lacan, dedicarse a

uno de ellos, que ejemplifique la importancia de los efectos transferenciales en la clínica, teniendo en cuenta el desamparo radical reflejado en la criminalidad y en el abuso de drogas. Además, el estudio permite reflexionar sobre posibles salidas para el tratamiento en estas instituciones regidas por un mandato psicossocial.

Palabras clave: desamparo, adolescencia, transferencia, psicossocial, psicoanálisis.

RADICAL ABANDONMENT AND ADOLESCENCE: WHAT DO THE EFFECTS OF TRANSFERENCE TEACH THE FIELD OF PSYCHOSOCIAL CARE IN BRAZIL?

Abstract

The text is based on data coming from doctoral research on the possible lessons learned about the difficulties adhering the treatment by

adolescent drug users and that boost the work of the teams at the Child and Adolescent Psychosocial Care Center (CASPi), which is part of the

Psychosocial Care Network of Brazil. The purpose of the study is, from one of the five cases studied, employing the single case method in Freud and Lacan, to focus on one of them which exemplifies the importance of the effects of transference in the clinic, considering the radical abandonment reflected in criminality and drug

abuse. Besides, the study allows us to think about the possibilities for the treatment in these institutions ruled by a psychosocial mandate.

Keywords: abandonment, adolescence, transference, psychosocial, psychoanalysis.

DÉTRESSE RADICALE ET ADOLESCENCE : QU'ENSEIGNENT LES EFFETS TRANSFÉRENTIELS AU DOMAINE DES SERVICES PSYCHOSOCIAUX AU BRÉSIL ?

Résumé

Le texte est basé sur les données issues d'une recherche doctorale concernant les leçons possibles sur les difficultés d'adhésion au traitement de la part des adolescents consommateurs de drogues, ce qui favoriserait le travail des équipes du Centre de services psychosociaux pour les enfants et les adolescents (CASPi) du Réseau des Services Psychosociaux du Brésil. À partir d'un des cinq cas étudiés, cet article a pour but, en utilisant la méthode du cas

unique de Freud et Lacan, d'illustrer l'importance des effets transférentiels dans la clinique, en prenant en compte la détresse radicale reflétée dans la criminalité et la toxicomanie. De plus, l'étude nous permet de réfléchir aux débouchés possibles du traitement dans ces institutions régies par un mandat psychosocial.

Mots-clés : détresse, adolescence, transfert, psychosocial, psychanalyse.

Recibido: 2/12/2022 • Aprobado: 3/9/2021

Introdução

As elaborações que seguem resultam de um recorte realizado a partir de pesquisa doutoral⁴, na qual se buscou investigar o que as dificuldades de adesão ao tratamento, por adolescentes usuários de drogas, poderiam ensinar, favorecendo o trabalho nos serviços de saúde mental para crianças e adolescentes, que nas políticas públicas psicossociais brasileiras são nomeados como Centros de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSI). A dificuldade na adesão ao tratamento de sujeitos tomados pelo gozo toxicomaniaco é aspecto característico e notório nesta prática clínica, tendo em vista que aí se engendra um modo de satisfação que tende a prescindir do Outro, resultando assim, em rupturas radicais com o laço social.

No início da pesquisa, em 2014, haviam no estado de Minas Gerais dezesseis CAPSI. Todos foram consultados sobre a participação na pesquisa e, entre eles, por circunstâncias variadas, somente cinco participaram. Deles extraíram-se cinco casos, considerados pelas equipes como paradigmáticos na dificuldade de adesão ao tratamento. No caminho percorrido em que se conhece como pesquisa qualitativa, considerou-se a dimensão do novo, a impossibilidade de comparação e generalização das informações, mas também, as condições de transferibilidade das mesmas para outras situações com características semelhantes. As informações, obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, com os pacientes e trabalhadores da instituição, bem como de análise de documentos e prontuários, foram tratadas no modelo do caso único, tal como se encontra em Freud e Lacan, e é retomado por Miller (2006). Considerou-se, assim, o real em jogo, e a noção de que os significantes presentes no discurso do sujeito convocam a uma escuta que vai além das palavras enunciadas, nelas reconhecendo a enunciação, lugar em que o sujeito se faz presente, em ato.

4 A pesquisa doutoral “Adolescentes usuários de drogas: dificuldades de adesão ao tratamento nos CAPSI” (Número do CAAE - Comitê de Ética em Pesquisa: 38712114.9.3001.5651), foi concluída em 2018 e desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Psicologia na PUC- Minas, Brasil.

O método do caso único, proposto pela psicanálise, supõe que o caso, mesmo analisado em um conjunto, se sustenta por sua característica de exceção que escapa às classificações e às generalizações. Por isso, não produz seriação, mas extração de elementos singulares que ensinam aos demais, tornando-o, assim, paradigmático. Como escrevem Gallo e Ramírez (2012, pág. 11), “investigar psicanaliticamente é algo que sempre propicia incertezas que não se pode dominar completamente, mas que é possível dar conta de um percurso, com seus êxitos, dificuldades e pontos de escansão”.

Não é demais ressaltar que, nestes parâmetros, Miller, em *De la naturaleza de los semblantes* (2001, pág. 9), afirma que, em psicanálise, também é preciso contar com algumas categorias, ou seja, “uma qualidade atribuível a um objeto, o que a converte em uma classe em que é possível colocar objetos de igual natureza, ou seja, um princípio de classificação”, ainda que se trate de caso único.

Assim, a partir do estudo dos cinco casos, extraíram-se também quatro categorias fundamentais, que expressam certo aspecto do “universal”, presente nas repetições particulares de cada sujeito. São elas: a especificidade da desinserção, o encontro com o objeto droga, a toxicomania e o desamparo que exige ações específicas dos serviços no âmbito da atenção psicossocial.

Para este texto, dada a complexidade e extensão da pesquisa, elegeu-se um caso que possibilita abordar, de forma contundente, a categoria denominada desamparo, presente no adolescente que vive no envolvimento com o tráfico e no uso abusivo de drogas, mas, ressaltando a possibilidade deste desamparo ser apaziguado pelas intervenções operadas na instituição de saúde mental, no campo da atenção psicossocial, via relações transferenciais. Este caso ensina sobre os efeitos desta relação na condução do tratamento, considerando também aquilo que falha neste manejo.

Juventude desamparada

No início do século xx, Freud (1996/1925) escrevia o prefácio do livro de August Aichhorn, *Juventude desorientada*, obra da qual a pesqui-

sa também se valeu para apreender suas contribuições. Quase um século depois, a obra de Aichhorn (2006) foi reeditada, posfaciada por Tízio (2006) e recebeu uma nova tradução para seu título, que passou a se chamar “Juventude desamparada”. Escreve Tízio (2006), que a nova tradução recoloca o valor e a perspectiva dada, pelo autor aos aspectos psíquicos resultantes de certos efeitos produzidos nos jovens, envolvidos com transgressões e atos delitivos, com os quais trabalhou, em relação ao desamparo que se fazia notar na relação com o Outro, inclusive com o Outro institucional.

A noção de desamparo que se considerou na pesquisa é, portanto, a mesma que se encontra na obra de Aichhorn (2006), ou seja, uma condição que não se refere apenas à proteção contra perigos externos, mas, também aos perigos internos, pulsionais, nos quais a função exercida pelo adulto incide. Trata-se de uma alusão direta aos “efeitos que o abandono ou as dificuldades no exercício da função do adulto podem produzir sobre o sujeito, e que podem ser demonstradas de diferentes maneiras” (Tízio, 2006, pág. 10), expressas pelo modo como cada jovem, em situação de desamparo, conhece a seu modo, os excessos do Outro, evidenciados através de relações de maus tratos, negligência, superproteção e abandono.

Com Aichhorn (2006) aprende-se a importância de se reconhecer os motivos inconscientes presentes nas manifestações sintomáticas, a exemplo de transgressões, atos delitivos e outros, para que se possa extrair daí meios de solucionar tais manifestações, restabelecendo para o sujeito o que hoje se chama inserção social. Com ele também se observa a inadequação e ineficácia de modos repressivos e moralizantes, no tratamento das pulsões, já que eles só tornam a problemática subjetiva e o conflito social ainda mais agudizados. Aichhorn (2006) problematizou a questão da delinquência afirmando que, em muitos casos, ela poderia ser explicada por uma desregulação dos processos primários do princípio do prazer, que favorecia a satisfação encontrada no ato transgressor. E entre outras contribuições, salientou ainda a importância da transferência no manejo dos casos, considerando-a, aos moldes freudianos, como uma repetição dos laços primordiais infantis, o que enfatizava o valor dos primeiros laços sociais da infância, e a importância do serviço e do profissional que acompanha os casos de se fazer exceção para o sujeito.

Assim como também ocorreu com os casos da pesquisa, entre eles, o que apresentaremos aqui, os jovens atendidos por Aichhorn (2006) também eram encaminhados aos serviços contra a vontade deles e como se estivessem sendo punidos ou castigados por uma instância que fazia as vezes de funções atribuídas ao Outro parental.

Desta perspectiva, observou-se ao longo da pesquisa (Januzzi, 2018, 2019; Januzzi & Ferrari, 2018, 2019) a presença de três tipos de desamparo. O primeiro é o desamparo estrutural, que participa da constituição do sujeito e é apresentado por Freud (1996/1895), quando escreve sobre a experiência de satisfação que conta com uma “ação específica” (pág. 370) de um outro experiente, resultando em uma intervenção no âmbito do desamparo inicial do pequeno vivente humano. A especificidade desta ação se justifica pelo fato de que deve responder a demandas tensionadas que se originam de estímulos internos, endógenos, futuros precursores da pulsão, que não pode ser realizada pelo próprio sujeito. Depende de uma ação vinda do mundo externo, de uma instância de alteridade. O “organismo é, a princípio, incapaz de promover esta ação específica” (Freud, 1996/1895, pág. 370). Encontra-se aí a fundamental experiência que leva o organismo a superar tal condição, tolerando um acúmulo de energia suficiente para empreender e desencadear, na direção do outro, o chamado por uma ação específica de cuidado. Necessidade, demanda e desejo estão aí implicados.

O segundo tipo é o desamparo generalizado. Nele, estamos todos submetidos em nossa ordem social atual, tendo em vista as destituições do simbólico no Outro e os efeitos do real nos modos de subjetividade contemporâneos, marcados pela busca do gozo que a lógica do capital e do consumo impõe. Os efeitos que se produzem para os sujeitos advêm sob um fundo de angústia, pois a busca pelo objeto tende a não mais se dirigir ao Outro, mas, ao mercado. O Outro sempre se constituiu em uma ficção, um semblante, para o sujeito, e o simbólico sempre esteve encarregado de sustentar suas insígnias na ordem social. Ocorre que o contemporâneo trás certa “crise” para o simbólico, na medida em que, nenhuma verdade subsiste inabalável. Não é a toa que Miller e Laurent (2010) observam a incidência de uma crise dos semblantes que sustentavam a existência do Outro. O lugar

das figuras parentais, as relações com a lei simbólica e as que se estabelecem a partir daí foram bastante transformadas em nossa época.

O terceiro é o desamparo que se chamou de radical. Notou-se que os jovens da pesquisa não demandavam nada da instituição, das figuras parentais, ou, das instâncias de alteridade em geral. Na verdade, observou-se quase uma descrença instaurada. Em diversos momentos, os jovens pareciam prescindir destas relações, de tal forma, que não era possível negligenciar o fato de ter-se aí um tipo de desamparo mais radical que os demais, sobretudo porque nele, rompia-se com o Outro, o que resulta em efeitos devastadores no laço social. O objeto droga, muitas vezes, permitia aos jovens sustentar esta desinserção (Januzzi, 2019).

Em psicanálise, o Outro é o lugar da palavra, da linguagem, da cultura e das determinações do sujeito, lugar onde “o social é radical, é a raiz” (Miller, 2009, pág. 6). O termo, cunhado por Lacan (1985/1954), a partir do capítulo XIX de seu *Seminário 2*, se refere a uma instância de alteridade que se distingue do outro com letra minúscula, o outro semelhante, no qual o sujeito se reconhece e se identifica a partir de um campo especular, imaginário, em que o eu é instaurado. Já o Outro com “O” maiúsculo, mantém com o sujeito uma relação bem mais anterior, uma relação fundante, pois, é antecipado por ele já que nasce mergulhado na linguagem, ou seja, no Outro. É por isso que o inconsciente é o discurso do Outro e que também se define por seu caráter simbólico e discursivo.

O campo do Outro é assim, um lugar que supõe demarcar para o sujeito o desejo de inserção que “é um desejo fundamental no ser falante” (Miller, 2009, pág. 6). Nele, se articula uma posição infantil que, em Freud, não coincide, necessariamente, com o período desenvolvimentista da infância, em que o alcance de certas ações específicas de cuidado vai longe em direção aos aspectos que compõem a realidade psíquica do sujeito. Participam da constituição da subjetividade, implicando na relação de uma fonte primordial que, ao longo da vida, articula a trama entre demanda e desejo, através do enigma de cada sujeito. É no campo do Outro que o sujeito busca o objeto da satisfação de seu desejo, deparando-se com a frustração de jamais encontrá-lo. É

também aí que se situa a relação de dependência do sujeito ao Outro, pois, o desejo do sujeito está conformado à demanda do Outro, como escrevem Miller e Laurent (2010).

Ocorre, tal como indica a pesquisa, que há outros modos pelos quais os corpos falam no contemporâneo. O sujeito que, em outras épocas, dirigia seu enigma ao Outro, através de um corpo que situava modos circunscritos e entrecortados pelo gozo, dá lugar a corpos plenamente desinseridos, soltos, errantes que evidenciam um desamparo radical. Chiriaco (2009) escreve que estes movimentos de desconexão social podem se manifestar por rupturas extremas até formas discretas de errância subjetiva. Por consequência, o sintoma não veicula um sentido inconsciente já que, apartado da relação com o Outro, não pode interrogar o sujeito. Uma nova configuração da ordem simbólica se estabelece assim, não respondendo mais através do sentido inconsciente e sim, no corpo solitário, desinserido, desamparado (Gontijo & Santiago, 2012).

O sujeito adolescente de nossa época responde a essa nova conjuntura tendo que contar com os recursos simbólicos de que dispõe frente ao real das transformações da puberdade. Neste cenário, um desafio está colocado. Como empreender o trabalho pubertário que, necessariamente, precisa passar pelo Outro, pelo corpo do Outro, se o sujeito prescinde deste Outro, ou, está desacreditado dele? Tal contexto deixa o sujeito adolescente em dificuldades com seu desejo. O encontro com o real do sexo e o lugar que o sujeito adolescente escolherá se situar nesta partilha, bem como a constatação de que o Outro é barrado, requer um aparato simbólico que lhe permita romper com os ideais infantis, se implicar na posição de responder por seu próprio modo de gozo e encontrar meios de lidar com os tensionamentos e impossibilidades do laço social.

Distantes das perspectivas que tomam a adolescência, de forma reducionista, como uma mera crise de conduta, a pesquisa se aproxima da posição de Viganò (2007) quando afirma que se há uma crise da adolescência, ela concerne ao fato de que este é o tempo de “organizar a decisão não mais adiável sobre a própria identidade sexual na relação de amor com o semelhante e, por isso, com seu corpo” (págs. 20-21). Quando o

sujeito não tem, ou não encontra recursos para enlaçar aquilo que emerge no real, ou seja, quando não pode fazer desta crise um sintoma, busca substitutos protéticos para isso, como é o caso do objeto droga.

O campo da atenção psicossocial e suas ações específicas de cuidado para a infância e a adolescência

O campo da atenção psicossocial é abordado na pesquisa, sobretudo a partir dos princípios propositivos da *Política de Saúde Mental Infanto-Juvenil (SMIJ)* brasileira, bem como do mandato que neles está implícito. Destaca-se o estabelecimento do vínculo como um orientador transversal que permite operar tais princípios e suas diretrizes, o que se faz notar nas relações do sujeito com a instituição, com o tratamento, com o profissional referência do caso e com o território onde o sujeito circula. Como política pública, o campo da atenção psicossocial deve exercer um mandato que se cumpre pelo exercício do cuidado que supõe a singularidade do sujeito, mas também, a dimensão civil do cidadão que ele é. Isso requer ações das mais variadas ordens que podem ir desde a escuta do caso até o oferecimento de abrigo e alimento, frente as diversas formas pelas quais o desamparo se faz presente.

Tal perspectiva possibilitou que, na pesquisa, se estabelecesse uma analogia entre a função do cuidado que o campo da atenção psicossocial deve exercer ao sujeito que sofre e a ação específica de uma instância de autoridade que ajuda o sujeito em seu desamparo, apaziguando-o, tal como escreve Freud (1996/1895). De modo que, fica evidente, no campo da atenção psicossocial, a importância do Outro institucional frente ao desamparo do sujeito. É através dos princípios propositivos da política de SMIJ que as ações de cuidado deste Outro institucional podem se exercer (MS, 2005) em parâmetros psicossociais, pois, além de se constituírem como orientadores de uma prática, também particularizam a especificidade da criança e do adolescente neste campo.

O princípio norteador é o que reconhece a criança e o adolescente a ser cuidado como um sujeito. “Antes e primeiro que tudo é preciso adotar como princípio a ideia de que a criança ou o adolescente a

cuidar é um sujeito” (MS, 2005, pág. 11). Trata-se de uma noção que comporta tanto a dimensão psíquica quanto social da subjetividade de crianças e adolescentes. Todos os demais princípios, se engendram nele dinamicamente, de modo a considerar esta condição na implementação de suas ações. Os demais princípios são: o acolhimento universal, o encaminhamento implicado, a construção permanente da rede, a noção de território e a intersectorialidade.

O acolhimento universal consiste na premissa de que as portas dos serviços de saúde mental para crianças e adolescentes devem estar abertas para receber, ouvir e responder, em alguma medida, a demanda que lhe for dirigida. Não significa que todos os casos permanecerão no serviço, mas sim, que alguma resposta seja dada a demanda. Nenhuma alegação burocrática ou administrativa pode justificar o não acolhimento de um caso. Ouvir a demanda implica, assim, em uma forma de cuidado, cuidado que pode requerer como resposta, o encaminhamento a outro serviço, a outro setor.

O encaminhamento implicado é outra forma de cuidado que implica de forma responsável aquele que está encaminhando o caso e aquele que o recebe. Este princípio pressupõe que o ato de encaminhar um caso requer discussão, assim como a construção de ações que favoreçam o acolhimento do sujeito em outro ponto do território. Isso implica em uma construção permanente da rede.

A construção permanente do trabalho em rede não supõe, necessariamente, a existência de uma rede idealizada, mas, aquela que existe no território. Implica em uma prática que conta com estes equipamentos que não precisam ser complexos ou sofisticados. Precisam estar disponíveis para a construção do caso. Isso é o mesmo que considerar a especificidade e a potência dos vários pontos da rede. Obviamente, não se trata de uma perspectiva ingênua. Muitas vezes, os equipamentos disponíveis na rede apresentam uma série de precariedades. Apesar delas, supõem-se também a presença de outras potencialidades que precisam ser consideradas.

O território é um conceito fundamental para o campo da atenção psicossocial. Sua noção ultrapassa o enquadre geográfico, concreto

e objetivo fazendo surgir um território psicossocial do sujeito. A importância da noção de territorialidade se define pelo caráter social, político e clínico que nela estão implicados. Como destacam Couto e Delgado (2010), esta relevância se deu, inicialmente, de modo muito mais claro, para os casos de pacientes adultos, tendo em vista a necessidade de superação do modelo asilar que excluía o louco dos territórios sociais da cidade. No âmbito da infância e adolescência, o princípio que se equivaleu em importância foi o da intersectorialidade.

A intersectorialidade é considerada o princípio mais estratégico para a política de Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. Além de sua importância cotidiana na construção do cuidado do caso com outros setores, implicando-os nos casos e fazendo frente as medidas imediatistas e reducionistas de institucionalização, ele também se constitui, ainda hoje, no “princípio fundamental para a montagem da rede de cuidados” (Couto & Delgado, 2010, pág. 271) para esta população no Brasil.

Temos aí os princípios orientadores de ações específicas de cuidado do Outro institucional, frente ao desamparo do sujeito adolescente.

O caso: Um jovem desinteressado

Willian⁵ tinha dezessete anos quando foi entrevistado para a pesquisa, mas chegou ao CAPSI pela primeira vez aos nove anos de idade. Os problemas se manifestavam no baixo rendimento escolar, nas dificuldades de relacionamento e nas queixas com relação ao mau comportamento, motivos que, na infância, o levou a ser encaminhado ao serviço de saúde mental. Chegar e sair do CAPSI é algo que lhe ocorrerá, por diversas vezes, ao longo dos quase oito anos de acompanhamento institucional, fato que se explicava, de acordo com a equipe, devido a seu “desinteresse” pelo tratamento. O mesmo “desinteresse” era também notado na escola, na ausência de projetos de vida, de laços amorosos, ou, em qualquer outro aspecto de sua vida. A maconha era sua droga de preferência. Com ela sentia muito sono, mas também a

5 Nome fictício.

sensação prazerosa de ficar “tranquilão”, segundo dizia. A maior parte do tempo estava na rua, e este foi o motivo que atribuiu, durante a entrevista, para justificar suas dificuldades em ir ao serviço de saúde mental: “Ficava na rua e esquecia de vir, só isso mesmo. Esquecia de vir, ficava na rua. Agora não tenho dinheiro (risos), acabou. Não estou vendendo droga mais, eu ficava vendendo droga”.

A venda de drogas é algo que se fez presente na vida do jovem desde muito cedo. Alguns meses após seu nascimento, sua guarda foi entregue à avó paterna, pelo fato de sua mãe estar envolvida com a venda destas substâncias. Para a avó, a mãe do jovem era uma “má influência” para ele, que foi criado com todo zelo e rigor que esta senhora acreditava ter que dar ao neto. Em alguns momentos, seus cuidados se confundiam com aqueles que, aparentemente, se dirige a um filho, como se tentasse realizar com Willian o que, em outro âmbito, teria fracassado. Ocorre que este excesso de zelo e amor não impediu que o jovem tivesse o hábito de retirar dos avós diversas quantias em dinheiro e nem que, em pouco tempo, estivesse, de fato, envolvido com “más influências”, chegando a passar dias na rua, envolvido com furtos e o tráfico de drogas.

Cresceu na casa da avó, a mesma casa em que também morava seu pai que, não se interessará por Willian: “Eu só vejo ele, a gente não conversa”. As vicissitudes que se produzirão, a partir destes aspectos, põe em relevo o significativo, “desinteressado”, que trás a marca da precariedade do interesse materno, mas, principalmente, a indiferença paterna, articulações de onde surge um sujeito desligado nas tessituras sociais.

Algumas vezes sentia vontade de ir pra casa da mãe. Dizia que se sentia mais seguro com ela porque lá, os meninos da rua não mexiam com ele, já que a mãe lhes fez este pedido. A presença na rua e a venda de drogas pareciam situar o jovem frente a referência materna que, desde o início, lhe fora apresentada a partir da insuficiência, do desamparo e como uma má influência. Com a avó, o jovem também buscava segurança, apesar de se irritar constantemente com o rigor e a disciplina que ela tentava lhe impor. Mas, quando foi ameaçado de morte, pelo tráfico e pela polícia, foi ao lado dela que buscou ficar,

dormindo em sua cama. Quando ambas adoecem, mãe e avó, Willian se dá conta, através de uma intervenção de sua técnica de referência, que estas mulheres eram as únicas que se interessavam, de fato, por ele. Mais tarde, a própria técnica de referência também tomará lugar nesta série, o que dela exigirá manejo necessário para inaugurar a experiência que produzirá importantes intervenções no caso. Do pai, Willian só reconhecia o desinteresse que parecia ressoar nas relações que estabelecia pela vida a fora.

O adolescente foi detido pela polícia diversas vezes e, quando tudo parecia estar perdido, após retornar de uma internação compulsória buscada incessantemente pela avó para tratar do uso abusivo de drogas e retira-lo das ruas, inicia, com sua técnica de referência, ou seja, suas terapeuta, um processo que culminará na aprovação em um processo seletivo e no início de seus estudos profissionalizantes.

E quando tudo parecia estar encaminhado, algum tempo depois de completar dezoito anos, foi transferido para o serviço de adultos e recebido por seu novo terapeuta. Neste momento, Willian abandona o percurso do tratamento e dos estudos que tinha iniciado junto a terapeuta anterior e, como já tinha completado dezoito anos, é preso vendendo drogas.

Relações transferenciais e suas ações específicas de cuidado

O caso de Willian foi considerado na pesquisa, paradigmático para discutir o lugar da transferência no tratamento empreendido no campo da atenção psicossocial e seus efeitos no estabelecimento de ações específicas de cuidado que articulam modos de laço social possível. Embora ilustre a transferência positiva com o serviço, em sua vertente negativa, também ensina como alguns momentos do caso, entre eles, o seu desfecho, demonstram aquilo que pode fracassar nesta relação deixando, no caso, o sujeito orientado para o retorno à criminalidade.

Em um retorno a Freud (1996/1915, pág. 177) a transferência e seu manejo estão situados como uma das maiores dificuldades na prática clínica, muito maiores que os problemas decorrentes da interpretação: as “únicas dificuldades realmente sérias que temos de enfrentar

residem no manejo da transferência”. Antes disso, em outro trabalho, Freud (1996/1912) formalizou a transferência sob o viés da repetição inconsciente de conteúdos ambivalentes, conflitivos e infantis acerca dos objetos amorosos do sujeito e que, no âmbito da análise, são deslocados para a pessoa do analista. No campo da atenção psicossocial, podemos transpor tal contexto para a figura do terapeuta, ou, profissional de referência do caso.

Apesar da importância que a transferência possui na experiência psicanalítica, ela não se instala unicamente neste contexto, estando presente nas diversas relações do sujeito. A psicanálise nota sua existência e reconhece sua potência como recurso fundamental para o manejo clínico que considera a realidade psíquica do sujeito, a exemplo da relação do sujeito com as instituições. O próprio Freud (1996/1912, pág. 113) comenta: “Não é fato que a transferência surja com maior intensidade (...) durante a psicanálise que fora dela. Nas instituições em que doentes dos nervos são tratados, de modo não analítico, podemos observar que a transferência ocorre com a maior intensidade” (Freud, 1996/1912, pág. 113). Assim, as características da transferência não estão necessariamente ligadas “à psicanálise, mas sim, à própria neurose”.

As condições para que os efeitos da transferência e seus mecanismos começassem a incidir no caso de Willian, se deram ao longo dos atendimentos. Inicialmente, se faziam presentes impressões negativas do percurso de Willian na instituição, ocasiões em que se percebe a presença atuante de diversas dificuldades na adesão ao tratamento, tanto do lado do jovem quanto do lado institucional. As diversas altas do tratamento que a instituição lhe aplica são exemplo disso, o que indica que o fator resistência também pode estar do lado da instituição, do analista, ou, no caso da atenção psicossocial, dos profissionais.

Um famoso aforismo de Lacan (1985/1954, pág. 287) tem seu lugar nesta discussão. Na análise, ou, na direção do tratamento, “existe apenas uma resistência, é a resistência do analista”. Significa dizer que a resistência que está no lugar de quem escuta, acolhe ou, cuida, é a que mais trás prejuízos a um tratamento, já que do lado do sujeito, ele está apenas às voltas com seus modos de satisfação. Se

o profissional que conduz o caso, não se dá conta disso, produz-se uma dimensão imaginária e especular que emerge com a finalidade de produzir defesa no âmbito de sua própria realidade psíquica. Ao contrário disso, alerta Lacan, (1998/1948, pág. 110), devemos “pôr em jogo a agressividade do sujeito a nosso respeito, já que essas intenções, como sabemos, compõem a transferência negativa que é o nó inaugural do drama analítico”.

Por isso, se por um lado, o manejo da transferência permite a condução da direção do tratamento, em condições que põe em evidência a realidade psíquica do sujeito, ela é também a mais poderosa resistência contra esse mesmo tratamento. Nas palavras de Lacan (1998/1958, pág. 598), consiste em uma “forma particular da resistência”. Willian recusava qualquer convite para participar de atividades de oficina na instituição e quando era convidado para falar de si, mostrava-se desimplicado, descompromissado, não demandando nada da instituição, apenas que não queria estar ali. Mas, a terapeuta, que na entrevista dizia que “nunca desistiu dele”, não recua diante de tal resistência e reconhece ali um modo paradoxal de resposta. Fato é que pouco a pouco, o jovem passa a falar de si e de sua relação com o pai, conforme se nota nos registros do prontuário.

O assunto “pai” parecia ser de difícil abordagem para o jovem, já que não aprofundava muito no tema. Observa-se, no entanto, através dos registros, que toda vez que o assunto era abordado em uma sessão, o jovem faltava no encontro seguinte. Algo que se pode ler como uma transferência negativa aparece no caso, ensinando, no âmbito das instituições que adotam normas rígidas de exclusão dos pacientes infrequentes ao tratamento, que é preciso se dar conta de haver aí algo dirigido ao Outro institucional, aspecto que faz da transferência negativa aquela que mais desafia a prática clínica neste âmbito.

Aos dezessete anos, Willian estava bastante envolvido com as atividades do tráfico. A avó sempre encontrava algumas substâncias guardadas em seus pertences, fato diante do qual adotava a conduta de ir, ela mesma, levar para a delegacia de polícia, o que deixava o neto bastante irritado. Em determinado momento, Willian diz a terapeuta que tirava dinheiro da avó porque ela não lhe dava uma espé-

cie de mesada, ao que é confrontado com a seguinte intervenção: “A mudança precisa vir de você!”

O enunciado destas palavras parece abrir um caminho, antes obstaculizado. Daí em diante, observa-se nos registros do prontuário, outro importante aspecto que lentamente, começava a se desenrolar. Willian passa a falar mais sobre o pai, mas, agora, diretamente de suas falhas e daquilo que não recebia dele, ou seja, seu interesse. Se queixa dele dar atenção para a filha que o pai teve com outra mulher e nenhuma atenção para ele. Nota-se, que havia um tom de mágoa e de hostilidade em seu discurso. Obviamente, trata-se de dimensão inconsciente que, pouco a pouco, favorece pontos de deslizamento em sua posição subjetiva.

Exemplo disso ocorre com a instauração de um paradoxo que, aparentemente, indicava o agravamento do caso. Na verdade, interroga-se se não estaria aí em operação os mecanismos transferenciais do sujeito com o Outro institucional. Se por um lado, no âmbito do tratamento, Willian começava a se confrontar com suas questões com o pai, por outro, se volta neste mesmo momento para as atividades do tráfico deixando, novamente, de vir aos atendimentos. A marca de sua desinserção se fazia presente, já que vinha trabalhando nos atendimentos exatamente o desinteresse do Outro parental sobre ele. A hostilidade antes contida e agora dirigida ao pai, bem como os desligamentos que desta relação se produziam, se atualizam nas relações com a instituição e com o terapeuta, dos quais tenta se desconectar. O sujeito se volta na direção da criminalidade, lugar da influência materna e da precariedade de seus cuidados.

Sempre há um amor misturado ao ódio, nas relações transferenciais, dizia Lacan (1998/1958, pág. 597), já que é preciso considerar que o que está em jogo nestas relações é “o Outro da transferência” que responde por aquilo que o sujeito lhe atribui ser. É por isso que, segundo Miller (1997, pág. 75), por meio da transferência pode ser despertado, no sujeito, “todos os sentimentos do mundo.”

Ao afirmar que a transferência é um movimento do sujeito, que apresenta algo de sua realidade psíquica através da fala, àquele que escuta,

Figueiredo (1997) também ressalta a questão da resistência na transferência às suas vertentes positiva e negativa. Encontram-se aí sentimentos afetuosos e hostis, os quais Freud (1996/1912) alertava para que não fossem subestimados, justamente porque neles a resistência se faz presente, junto a outros mecanismos de defesa, dando consistência ao elemento central que sustenta, no caso, a transferência. Apesar destes processos se mostrarem mais evidentes na transferência negativa, também ocorrem na sua vertente positiva quando esta se designa pelas catexias inconscientes dirigidas amorosamente ao analista, ou, ao terapeuta.

A presença da transferência positiva se faz notar de forma mais clara no caso, no retorno de Willian de uma internação compulsória buscada insistentemente pela avó. O jovem passa a ser frequente nos atendimentos. “Eu até venho, não falho”. Passa a se interrogar sobre os motivos de ter sido internado e os efeitos de tal circunstância para o tratamento. “Não adianta, já fui internado! Não era bom não, viu? Você sabe que não é bom estar preso, né?” O suposto caráter terapêutico da medida inexistiu para o jovem, cuja incidência foi de ter sido preso e não tratado. A postura do jovem contrasta com a atitude passiva e apática que marcava suas relações na vida, inclusive aquela que demonstrou no momento em que foi levado, contra sua vontade, para a instituição de internação. Agora, interrogava sobre os motivos de ter sido levado: “Só porque eu usava maconha e vendia pedra?” Dizia não ser o único a fazer isso.

Não são raros os equipamentos sociais que assumem a função de cuidar e tratar de pessoas com problemas decorrentes do uso de drogas, e que o fazem assumindo outros imperativos, a exemplo da abstinência. Nesta perspectiva, o tratamento produz novos efeitos de desconexão social, na medida em que reduz suas ações a encontrar meios de tirar do sujeito seu modo de gozo, o que obviamente, conduz ao fracasso desta empreitada. Neste caso, o serviço perde a noção de singularidade e toma seu mandato social na vertente da gestão do gozo e de seus desvios. Ao tomar o foco da coletividade unificada, o que é contrário ao singular do caso único, busca-se a prevenção dos riscos possíveis da perda de vínculos, mas, ao preço de promover no sujeito, a identificação a um traço que passa a defini-lo como parte de um grupo massificado.

Na transferência positiva são os sentimentos afetuosos os que respondem por toda variedade e complexidade de relações que compõem a vida social do sujeito e que, originalmente, remontam suas vinculações objetais infantis. Estes sentimentos se enredam, de forma amorosa, através do recalque, a certas identificações próprias da realidade do sujeito. Por esta via, observa-se que na série das pessoas que se interessavam por Willian, estavam a avó e a mãe. Não é difícil perceber que a terapeuta foi a terceira mulher que tomou lugar nesta série. No momento em que Willian elegeu um profissional que, de fato, surge como referência para seu caso, e esse profissional também o elegeu como seu paciente, isso se tornou fundamental para a instauração da transferência, já que estava aí o “interesse” do Outro institucional, marca que responde ao significante do desamparo do sujeito Willian. Exemplo disso é o fato de que, na verdade, a terapeuta de Willian foi a terceira profissional a desempenhar esta função para o jovem na instituição, mas, a primeira que ele, de fato legitimou neste lugar: “Sei lá, foi a primeira, é só com ela”.

O episódio da aprovação em um concorrido processo seletivo de uma escola profissionalizante industrial é exemplo marcante dos efeitos transferências do caso. Nesta época, Willian relatava fumar três cigarros de maconha por dia e não falava em parar. Permaneceu vendendo drogas por um tempo, mas, segundo sua terapeuta parecia que ele, “foi entendendo, o sentido desse serviço (o CAPSI). Então, assim, hoje, ele já fez esse laço com o serviço.” Foi inserido nas medidas sócio – educativas⁶ e mostrou-se interessado em conversar sobre a possibilidade de se inscrever em alguns cursos profissionalizantes, como, mecânica e computação. Preocupava-se com o fato de há três anos estar fora da escola, e acreditava que teria dificuldades para aprender. Assunto que foi amplamente trabalhado nos atendimentos com sua terapeuta.

Ele acha que tem muita dificuldade de aprendizagem, que ele é desconcentrado, que ele não consegue aprender. Mas o que a gente

6 De acordo com a Lei 8069/1990 – O Estatuto da Criança e do Adolescente, as Medidas sócio-educativas consistem em sete medidas de caráter educativo, aplicadas ao adolescente autor de ato infracional no Brasil.

viu de relato assim, da coordenadora do curso técnico, é que ele é um menino inteligente, que ele não teve problemas de se relacionar com os colegas, nem com os professores, durante o tempo que foi, seis meses de curso e foi um menino que finalizou o curso com notas boas.

Sua inscrição foi feita numa escola de formação industrial para jovens⁷. Apesar de acreditar que não tinha condições de ser aprovado, Willian escolheu o curso de mecânica e se colocou à prova, fez o exame e passou. Com sua terapeuta decidiu fazer aulas de reforço de matemática. O problema de não ter a escolaridade necessária para iniciar o curso foi resolvido pela parceria com o Centro de Referência de Assistência Social, CREAS⁸ que interviu com a instituição de ensino para que o jovem fizesse dois cursos simultaneamente.

De alguma forma, o jovem desinteressado era, na verdade, um jovem que se interessava. Pela via que se abriu, transferencialmente, com sua terapeuta, o interesse que não vinha do pai, advém no Outro institucional. Do significante “desinteressado”, significante do desamparo radical do sujeito, emerge a coordenada capaz de orientar as ações específicas de cuidado em direção ao jovem.

Ocorre que, no Brasil, assim como em outros países, quando um adolescente completa dezoito anos é encaminhado para instituições de adultos. Trata-se de um momento importante e delicado para o manejo clínico, requerendo da equipe uma estratégia cuidadosa de intervenção. No caso de Willian, um cuidado específico foi observado: ele não foi encaminhado imediatamente por uma questão meramente burocrática, apenas por ter completado dezoito anos. Entretanto, um cuidado clínico parece ter passado despercebido. O significante que marcava a relação transferencial de Willian, e que vinha de seu desamparo, não podia ser transferido junto com seu encaminhamento para outra instituição. Trata-se de algo que requer construção, o que não se deu. Willian não aderiu ao tratamento com seu novo terapeu-

7 No Brasil esta escola se chama: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

8 Órgão público pertencente às Políticas de Assistência Social no Brasil.

ta, tão pouco com sua nova instituição. Não se sabe se esta instituição tentou estabelecer novos vínculos com o jovem. O que se sabe é que logo após este encaminhamento, Willian foi pego pela polícia vendendo drogas e, como já era considerado adulto pelas leis brasileiras⁹, foi preso e submetido às leis do Sistema Prisional.

Apesar de seu difícil manejo, é também no desfecho do caso que a transferência, em sua vertente negativa, ensina muito ao trabalho institucional, tendo em vista que, a partir dela se pode avançar em relação ao ponto em que uma ação fracassou.

Considerações finais

Com o caso de Willian optou-se por ressaltar como a questão da transferência na instituição, pode incidir no caso, evidenciando seus efeitos nas saídas possíveis para o tratamento, ou, para o pior. Tal como se encontra na psicanálise desde Freud, a transferência não é aspecto que se transfere como um procedimento burocrático. Por isso, quando o jovem é transferido para o serviço de adultos, a transferência com o novo terapeuta não estava estabelecida, e é aí que algo se perde. Willian acreditava na palavra das mulheres. Foi assim com sua avó, sua mãe e com sua terapeuta. Elas se interessavam por ele. Mas, isso não é considerado e, no momento em que é encaminhado para a outra instituição, se volta para o tráfico, buscando substitutos da influência materna.

Willian também ensina que um profissional, referência de um caso, particulariza o caso na rede. É aquele para quem o sujeito é exceção, assim como este profissional também se torna exceção para o sujeito. Um interesse particularizado é sempre fundamental para a construção de uma possibilidade capaz de enlaçar o sujeito à vida e isso, apesar de tudo, foi vislumbrado, de alguma forma, na relação institucional. Nas palavras da terapeuta tudo aconteceu “apostando no caso, no percurso que foi sendo percorrido durante o tratamento”.

9 Lei 8069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente.

Esta ação específica de cuidado teve efeitos notáveis com este jovem, durante o tempo em que foi acompanhado pela instituição.

Willian subverte sua própria posição inicial de sujeito desligado. Há, de fato, um certo desligamento que o jovem parecia buscar, principalmente com o uso da maconha, que o deixava “tranquilão”. Mas, de modo evidente, o jovem também dá testemunho do contrário, ou seja, de que havia espaço para estabelecer ligamentos, para além da criminalidade, e que, certamente, passava pela palavra que circulava nas conversas que tinha no serviço, o que fica evidente quando situa que o tratamento no CAPSi deve ser: “conversar, vir aqui conversar! (...) Conversar pra ajudar, porque você fica, a cabeça da pessoa pira.” Não se trata de uma falação esvaziada, como se pode ver, mas, de algo que marca um lugar particularizado para o Outro. Não se pode esquecer que Willian conhecia os efeitos desta ausência. Na relação com seu pai ele dizia: “Eu só vejo ele, a gente não conversa”.

O caso permite ainda, ressaltar que tanto o CAPSi, quanto a Rede de Atenção Psicossocial podem, potencialmente, empregar importantes ações específicas de cuidado a jovens que se encontram em situação de desamparo radical, mesmo aqueles cujo percurso tenha passado por questões relativas ao uso abusivo de drogas e à criminalidade. Não recuar diante disso, oferecendo o cuidado que a singularidade do caso demanda, e não uma seriação estigmatizante, parece ser o passo que pode operar ações específicas de cuidado frente ao desamparo radical do sujeito adolescente no campo da atenção psicossocial.

Referências

- Aichchorn, A. (2006). *Juventud desamparada*. Gedisa Editorial.
- Chiriaco, S. (2009). Une cure pour rapiécer le langage. *La cause freudienne – Nouvelle revue de Psychanalyse*, (72), 11-14. <https://wapol.org/es/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=13&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=1885&intIdiomaArticulo=5>
- Couto, M. C. V. & Delgado, P. G. (2010). Intersetorialidade: uma exigência da clínica com crianças na atenção psicossocial. Considerações prelimi-

- nares. In: Lauridsen-Ribeiro, EL & Tanaka, OY. *Atenção em Saúde Mental para crianças e adolescentes no SUS* (págs. 271-279). Ed. Hucitec.
- Figueiredo, A. C. (1997). *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos*. Relume-Dumará.
- Freud, S. (1996/1895). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. I, págs. 335-454). Imago.
- Freud, S. (1996/1912). A dinâmica da transferência. In: J. Strachey (Org.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 12, págs. 111-119). Imago.
- Freud, S. (1996/1915). Observações sobre o amor de transferência. In: J. Strachey (Org.), *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, págs. 175-188). Imago.
- Freud, S. (1996/1925). Prefácio a Juventude desorientada. In: J. Strachey (Org.), *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, págs. 305-308). Imago.
- Gallo, H. e Ramírez, M. E. (2012) *La investigación psicoanalítica y la investigación en la Universidad*. 1ª. Ed. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Gontijo, M. J. & Santiago, A. L. (2012) Os adolescentes desinseridos e seus sintomas nas instituições socioeducativas. *Revista aSEPHallus*. Vol. VII, n. 14, mai. a out. www.isepol.com/asephallus
- Januzzi, M. E. S. (2018). *Adolescentes usuários de drogas: o que ensinam ao tratamento que se realiza nos CAPSi* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUC-Minas, Brasil]. Biblioteca PUC Minas. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_SilvaMEL_1.pdf
- Januzzi, M. E. S & Ferrari, I. F. (2018). Dificuldades de adesão ao tratamento no CAPSi por adolescentes usuários de drogas: a singularidade como princípio propositivo e os desafios da prática. In I. F. Ferrari, & J. L., Ferreira Neto, *Políticas públicas e clínicas: estudos em psicologia e psicanálise* (págs. 92-111). Editora PUC Minas.
- Januzzi, M. E. S. (2019). *Não é aqui, não é pra nós: o que ensinam os adolescentes usuários de drogas sobre as dificuldades de adesão ao tratamento no campo da atenção psicossocial*. CRV.
- Januzzi, M. E. S. & Ferrari, I. F. (2019). Adolescentes usuários de drogas e a desinserção social. *Revista Subjetividades*, 19(3), e8481. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e8481>
- Lacan, J. (1985/1954). *O Seminário 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998/1948). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos* (págs. 104-126). Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1998/1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos* (págs. 591-652). Jorge Zahar Editor.
- Miller, J-A. (1997). *Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica. A Conversação de Arcachon*. Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Miller, J-A. (2001). *La naturaleza de los semblantes*. Paidós.
- Miller, J-A. (2006). O rouxinol de Lacan. *Curinga*, (23), 15-33. <https://ebp.org.br/mg/2020/11/07/curinga-023/>
- Miller, J-A. (2009). Sobre o desejo de inserção e outros temas I. *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (62), 5-17.
- Miller, J-A. y Laurent, É. (2010). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Paidós.
- Ministério da Saúde do Brasil (MS). (2005). *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil*. Ministério da Saúde. <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/marco/10/Caminhos-para-uma-Politica-de-Sa--de-Mental-Infanto-Juvenil--2005-.pdf>
- Tízio, H. (2006). Prólogo. In: A. Aichhorn, *Juventud desamparada* (págs. 9-20). Gedisa Editorial.
- Viganò, C. (2007). As dependências patológicas. *Mental*, 5(9), 15-27. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200002&lng=pt&tlng=pt.